

Coro e Orquestra Gulbenkian

**Leonardo
García Alarcón**



**GULBENKIAN
MÚSICA**

24 + 25 mai 2019

Orquestra Gulbenkian

24 MAIO
SEXTA

21:00 — Grande Auditório

25 MAIO
SÁBADO

19:00 — Grande Auditório

Coro Gulbenkian
Orquestra Gulbenkian
Leonardo García Alarcón Maestro

Keri Fuge Soprano

Marianne Beate Kielland Meio-Soprano

Valerio Contaldo Tenor

Taras Berezhansky Baixo

Jorge Matta Maestro do Coro Gulbenkian

IMAGEM DE CAPA: LEONARDO GARCÍA ALARCÓN © VINCENT ARBELET

Johann Sebastian Bach

Ein feste Burg ist unser Gott, BWV 80

Coral: *Ein feste Burg ist unser Gott*

Ária (Soprano, Baixo): *Alles, was von Gott geboren*

Recitativo (Baixo): *Erwäge doch*

Ária (Soprano): *Komm in mein Herzenhaus*

Coral: *Und wenn die Welt voll Teufel wär*

Recitativo (Tenor): *So stehe dann bei Christi*

Dueto (Alto, Tenor): *Wie selig sind doch die*

Coral: *Das Wort sie sollen lassen stahn*

INTERVALO

Ludwig van Beethoven

Sinfonia n.º 9, em Ré menor, op. 125, “Coral”

Allegro ma non troppo, un poco maestoso

Scherzo: Molto vivace – Presto

Adagio molto e cantabile

Presto – Allegro assai – O Freunde, nicht diese Töne! – Allegro assai

MECENAS
MÚSICA E NATUREZA

THE
NAVIGATOR
COMPANY

MECENAS
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

VIA
VEIRA DE ALMEIDA

MECENAS
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA
CASA
Associação de Amigos do Instituto Gulbenkian de Ciência

MECENAS
CICLO PIANO

pwc

MECENAS
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL
GULBENKIAN MÚSICA



Duração total prevista: c. 2h
Intervalo de 20 min.

Johann Sebastian Bach

Ein feste Burg ist unser Gott, BWV 80

COMPOSIÇÃO: 1715-1730

DURAÇÃO: c. 30 min.

De acordo com o Ofício luterano, a cantata desempenhava uma função litúrgica específica: ser interpretada entre a leitura do Evangelho e o Sermão, tendo como ponto de partida o coral do dia, enquanto hino congregacional da liturgia e obedecendo às convenções esquemáticas da arquitetura musical luterana: um coro inicial, uma sucessão de recitativos-árias musicalmente contrastantes e um coral conclusivo.

“Colosso escavado em granito”, segundo Alfred Durr, a cantata *Ein feste Burg* é uma das obras mais emblemáticas de Johann Sebastian Bach, sendo considerada verdadeiro epítome do gênero. Na sua versão original, a cantata *Alles, was von Gott geboren* (BWV 80a) destinava-se ao 3.º Domingo da Quaresma, com libreto de Salomon Franck (1659-1725), segundo o Evangelho de São Lucas (11:14-28), tendo sido composta em 1715, no período em que Bach ocupava a posição de Konzertmeister da corte ducal de Weimar. Tudo indica que foi em 1723, recém-chegado a Leipzig para ocupar o lugar de *Kantor* da igreja de São Tomé, que Bach reaproveitou esta cantata para uma das festas mais importantes do calendário litúrgico luterano, o *Dia da Reforma*. Celebrada a 31 de outubro, recorda o dia em que Martinho Lutero (1483-1546), professor de Teologia Moral da Universidade de Wittenberg, afixou, em 1517, uma lista de proposições intitulada *95 teses Acerca do Poder e Eficácia das Indulgências*, causando um verdadeiro terramoto no seio da Igreja Católica e a gênese do movimento

Eisenach, 21 de março de 1685

Leipzig, 28 de julho de 1750

The image shows a page of a musical score for Johann Sebastian Bach's Cantata BWV 80, 'Ein feste Burg ist unser Gott'. The score is arranged in a standard orchestral format with multiple staves. The instruments listed on the left are: Tromba I, II, III; Timpani; Oboe I, II; Violino I, II; Viola; Soprano; Alto; Tenore; Basso; Violoncello; and Violone. The vocal parts (Soprano, Alto, Tenore, Basso) have lyrics written below their staves. The instrumental parts include woodwinds, strings, and percussion. The score is in G major and 3/4 time.

J. S. BACH BWV 80, LEIPZIG B.&H., 1870 © DR

Protestante. A versão definitiva, hoje em concerto, terá sido escrita em 1730, para a mesma festa litúrgica, por ocasião do bicentenário da *Confessio Augustana* [*Confissão de Augsburg*], tendo Bach acrescentado uma grandiosa fuga inicial e uma fantasia coral. Centro gravitacional da cantata, o coral *Ein feste Burg ist unser Gott* [É uma poderosa fortaleza o nosso Deus], composto por Lutero em 1527-29, surge completo, com as suas quatro estrofes distribuídas pelo coro inicial, a ária-coral que lhe sobrevém, a fantasia coral e o coral conclusivo. Ao longo de toda a cantata, Bach demonstra um domínio absoluto das metáforas musicais, ilustrando claramente o texto, assim sublinhando a confiança em Deus, bem como a vitória na luta do bem contra o mal.

Ein feste Burg ist unser Gott, BWV 80

Johann Sebastian Bach

1. Choral

Ein feste Burg ist unser Gott,
Ein gute Wehr und Waffen;
Er hilft uns frei aus aller Not,
Die uns jetzt hat betroffen.
Der alte böse Feind,
Mit Ernst er's jetzt meint,
Groß Macht und viel List
Sein grausam Rüstung ist,
Auf Erd' ist nicht seins Gleichen.

2. Aria: Soprano / Basso e Choral

Alles, was von Gott geboren,
Ist zum Siegen auserkoren.

Mit unsrer Macht ist nichts getan,
Wir sind gar bald verloren.
Es streit' vor uns der rechte Mann,
Den Gott selbst hat erkoren.

Wer bei Christi Blutpanier
In der Taufe Treu geschworen,
Siegt im Geiste für und für.

Fragst du, wer er ist?
Er heißt Jesus Christ,
Der Herr Zebaoth,
Und ist kein andrer Gott,
Das Feld muss er behalten.

Alles, was von Gott geboren,
Ist zum Siegen auserkoren.

3. Recitativo: Basso

Erwäge doch, Kind Gottes, die so große Liebe,
Da Jesus sich
Mit seinem Blute dir verschriebe,
Wormit er dich

1. Choral

É uma poderosa fortaleza o nosso Deus,
Um bom escudo e arma;
Ajuda a libertar-nos dos males,
Que nos afligem em cada momento.
Com fúria pertinaz,
Persegue Satanás,
Grande poder e muita astúcia
São as suas armas cruéis,
Não há nada como ele na Terra.

2. Ária: Soprano / Baixo e Coral

Tudo o que nasce de Deus
Está destinado à vitória.

Com a nossa força nada alcançaremos,
Estaremos logo perdidos.
O Justo combaterá por nós,
O homem que o próprio Deus eleger.

Quem a Deus, com sangue,
Fidelidade no batismo jurou,
O triunfo do espírito alcançará.

Perguntas quem é ele?
Chama-se Jesus Cristo,
O Senhor dos exércitos,
E não há outro Deus,
Que sobre os campos reine.

Tudo o que nasce de Deus
Está destinado à vitória.

3. Recitativo: Baixo

Considera então, filho de Deus, o grande amor,
Que o próprio Jesus
Te entregou com o seu sangue,
Através do qual,

Zum Kriege wider Satans Heer
und wider Welt, und Sünde
Geworben hat!
Gib nicht in deiner Seele
Dem Satan und den Lastern statt!
Lass nicht dein Herz,
Den Himmel Gottes auf der Erden,
Zur Wüste werden!
Bereue deine Schuld mit Schmerz,
Dass Christi Geist mit dir sich fest verbinde!

4. Aria: Soprano

Komm in mein Herzenshaus,
Herr Jesu, mein Verlangen!
Treib Welt und Satan aus
Und lass dein Bild in mir erneuert prangen!
Weg, schnöder Sündengraus!

5. Choral

Und wenn die Welt voll Teufel wär
Und wollten uns verschlingen,
So fürchten wir uns nicht so sehr,
Es soll uns doch gelingen.
Der Fürst dieser Welt,
Wie saur er sich stellt,
Tut er uns doch nicht,
Das macht, er ist gericht',
Ein Wörtlein kann ihn fällen.

6. Recitativo: Tenore

So stehe dann bei Christi blutgefärbten Fahne,
O Seele, fest
Und glaube, dass dein Haupt dich nicht verlässt,
Ja, dass sein Sieg
Auch dir den Weg zu deiner Krone bahne!
Tritt freudig an den Krieg!
Wirst du nur Gottes Wort
So hören als bewahren,
So wird der Feind gezwungen auszufahren,
Dein Heiland bleibt dein Hort!

Na guerra contra o exército de Satanás
e contra o mundo e o pecado
Te recrutou!
Não entregues a tua alma
A Satanás e aos vícios!
Não deixes que o teu coração,
Sob o céu de Deus na terra,
Em deserto se torne!
Lamenta a tua culpa com dor,
Para que o espírito de Cristo fique
firmemente ligado a ti!

4. Ária: Soprano

Vem para a morada do meu coração,
Senhor Jesus, meu desejo!
Expulsa o mundo e Satanás
E deixa a tua imagem resplandecer
renovada em mim!
Fora, horror sórdido do pecado!

5. Choral

E ainda que o mundo estivesse
povoado de demónios
Que nos quisessem devorar,
Não teríamos nenhum temor,
E seríamos bem-sucedidos.
O príncipe deste mundo,
Por mais cruel que seja,
Nada poderá fazer contra nós,
Porque já está condenado,
E uma só palavra o abaterá.

6. Recitativo: Tenor

Fica com a bandeira manchada de sangue de Cristo,
Ó alma, firmemente
E acredita que o teu líder não te deixará,
Sim, que a sua vitória
Também te abra o caminho para a tua coroa!
Entra com ânimo na guerra!
Se apenas ouvires a palavra de Deus
E a souberes preservar,
Então o inimigo será forçado a partir,
O teu Salvador continuará a ser o teu tesouro!



O PENITENTE. ESCOLA VENEZIANA, SÉC. XVIII © DR

7. Duetto: Alto / Tenore

Wie selig sind doch die, die Gott im Munde tragen,
Doch selger ist das Herz, das ihn im Glauben trägt!
Es bleibt unbesiegt und kann die Feinde schlagen
Und wird zuletzt gekrönt, wenn es den Tod erlegt.

8. Choral

Das Wort sie sollen lassen stahn
Und kein' Dank dazu haben.
Er ist bei uns wohl auf dem Plan
Mit seinem Geist und Gaben.
Nehmen sie uns den Leib,
Gut, Ehr, Kind und Weib,
Lass fahren dahin,
Sie habens kein' Gewinn;
Das Reich muss uns doch bleiben.

7. Ária (Duetto) Alto / Tenor

Quão abençoados são os que falam de Deus,
Mas mais abençoadado é o coração que o leva na sua fé!
Permanece invicto e derrota os inimigos.
E no fim será coroado, quando vencer a morte.

8. Choral

Devem deixar que triunfe a sua palavra
E não esperar gratificação.
Ele está ao nosso lado no campo
Com o seu espírito e os seus dons.
Se levarem os nossos corpos,
bens, honra, filho e mulher,
Deixai-os ir,
Porque nada ganharão;
O reino de Deus conosco permanecerá.

Ludwig van Beethoven

Bona, 16 (ou 17) de dezembro de 1770
Viena, 26 de março de 1827

Sinfonia n.º 9, em Ré menor, op. 125, “Coral”

COMPOSIÇÃO: 1824

ESTREIA: Viena, 7 de maio de 1824

DURAÇÃO: c. 1h 10 min.

Pedra angular do Romantismo musical, a 9.ª Sinfonia de Beethoven ocupa um lugar icônico na História da Música Ocidental, pela complexidade formal sem precedentes, rasgando horizontes criativos e apresentando premissas artísticas e ideológicas que iriam revelar-se fundamentais ao longo dos séculos XIX e XX. Contudo, quando o mito se sobrepõe à obra de arte é difícil perscrutar as motivações do criador. Importa, assim, distanciarmo-nos da imagem coletiva que o mito fez cristalizar para vislumbrarmos o fio da meada quanto à sua relevância simbólica nos campos da história sociopolítica e cultural.

Quando, em Junho de 1817, Beethoven é convidado pela Sociedade Filarmónica de Londres a passar a temporada de inverno na capital britânica, a Europa vivia a paz imposta pelo Congresso de Viena (1814-15), num impulso de restaurar a ordem absolutista do Antigo Regime e obliterar o legado da Revolução Francesa e das Campanhas Napoleónicas. As tensões entre a burguesia, ilustrada e eminentemente liberal, com a nobreza, ciosa de recuperar os seus antigos privilégios, estavam ao rubro. Ao mesmo tempo, o gosto musical vienense mudara, Rossini era aclamado como paladino da ópera italiana, a *nouveauté* do momento. Desde 1812, com a estreia da 8.ª Sinfonia, que Beethoven não abordava o género sinfónico. Ainda que a estadia em Londres não se tenha concretizado, o compositor começou a idealizar duas

sinfonias, começando estas a ganhar forma pelo alento de um segundo convite britânico, chegado em dezembro de 1822. O processo criativo de Beethoven era lento para os padrões da época. Recorrendo a cadernos de bolso, o compositor ia anotando ideias musicais que, posteriormente, burilava de forma obsessiva, até obter uma versão pura e definitiva das suas intenções. Deste modo, a composição da 9.ª Sinfonia espalhou-se entre 1818 e 1824, de entremeio com outra magna obra, a *Missa solemnis*, op. 123 (1819-23), sendo indissociáveis uma da outra. Em finais de 1823 os três primeiros andamentos estavam completados. Em março de 1824, Beethoven confienciava que o último andamento era semelhante à sua “*fantasia para piano e coro* [Fantasia Coral, op. 80 (1808)] *mas numa escala muito maior!*”. Convicto de que Viena não saberia apreciar a sua nova sinfonia, Beethoven equacionou estrear a obra em Berlim, dedicando-a ao rei Friedrich Wilhelm III da Prússia, mas uma carta assinada por alguns dos seus mais fervorosos amigos e admiradores persuadiu-o a apresentar a sinfonia em Viena.

A 7 de maio de 1824, no Teatro da Corte Imperial e Real [dito *da Porta de Caríntia*], estreava-se a 9.ª Sinfonia, num concerto que incluiu a Abertura *Die Weihe des Hauses*, op. 124 (1822), e o *Kyrie, Credo e Agnus Dei da Missa solemnis*. Os solistas Henriette Sontag, Carolina Unger, Anton Haizinger e Joseph Seipelt, a orquestra do teatro e o coro da Sociedade

LUDWIG VAN BEETHOVEN, POR FERDINAND GEORG WALDMÜLLER, 1823 © DR

dos Amigos da Música, foram dirigidos, de facto, por Michael Umlauf, ainda que o compositor, apesar do seu avançado estado de surdez, estivesse em palco a dirigir. O sucesso foi estrondoso. O público aclama Beethoven três vezes com a palavra *vivat*, saudação exclusiva do imperador, o que origina a intervenção da polícia. Seria a última aparição pública do compositor. A 9ª Sinfonia, em contraponto com a *Missa solemnis*, transmite uma profunda reflexão filosófica, moral e espiritual acerca da natureza humana, apontando o caminho desde as trevas ao esplendor da existência. É o elogio do heroísmo, da fraternidade, das aspirações mais elevadas, soerguendo-se como um monumento à “Humanidade inteira”, nas palavras de Pedro Sena-Lino.

O **1.º andamento** começa num impasse musical até que emerge o tema, claro e poderoso, dir-se-ia com ressonâncias kantianas, a incerteza dos compassos iniciais enquanto símbolo do vazio cósmico até à afirmação da tonalidade como ato de fé na racionalidade do Homem, no seu imperativo moral de vencer as forças adversas. O dramatismo inicial dá lugar à vitalidade rítmica do **2.º andamento**, da escuridão à luz, um *Scherzo* em forma-sonata, onde vislumbramos a procura do Homem pelo contentamento e pela paz. A secção intermédia, o *Trio*, introduz uma melodia de contornos campestres, a Natureza pura e livre de preconceitos. O **3.º andamento** apresenta um tema musical transcendente, típico do estilo contemplativo tardio de Beethoven, seguido de variações. Mergulhamos no interior do ser, nos sonhos de glória cumpridos, num crescendo musical tenso mas contido. Até aqui Beethoven levou a estrutura sinfónica clássica

ao limite da dilatação formal, temporal e expressiva. O **4.º andamento** é uma novidade absoluta para os padrões coevos, marcando, em definitivo, a entrada da voz no universo sinfónico instrumental. O soliloquio dos violoncelos e contrabaixos, em estilo recitativo, é interrompido pela citação dos temas principais dos três andamentos precedentes. A angústia inicial dá lugar à serenidade da melodia universalmente conhecida. A sua simplicidade, em jeito de cantilena popular, é propositada, não sendo exclusiva de Beethoven. Mozart fizera-o no ofertório *Misericordias Domini*, K. 222 (1775), e Dittersdorf na abertura da ópera *Doktor und Apotheker* (1786). O próprio Beethoven já utilizara uma melodia em tudo semelhante no *Gegenliebe*, WoO118 (c. 1795) e na já citada *Fantasia Coral*. A escolha do poema de Schiller *An die Freude* (1785) [no original *Freiheit* (*Liberdade*) ao invés de *Freude* (*Alegria*)] vem sublinhar com palavras o que anteriormente fora dito apenas com música. Duas ideias estão sempre presentes “todos os homens são irmãos” e “abraçai-vos”. No contexto social de então, é o reforço do ideal revolucionário *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*. A inclusão de instrumentos *a la turca* não é casual, Beethoven realça que todos os homens devem abraçar-se (incluindo *o bom selvagem* de Rousseau). O fulgor inebriante desta sinfonia poderá bem ser a ilustração musical do nosso anseio permanente por um mundo digno e justo, pacífico e feliz. Uma narrativa cheia de surpresas, assente na paixão pela liberdade e na possibilidade fundadora do futuro.

NOTAS DE JOSÉ BRUTO DA COSTA

An die Freude Friedrich von Schiller Ludwig van Beethoven

O Freunde, nicht diese Töne!
Sondern lasst uns angenehmere
Anstimmen, und freudenvollere!

Freude, schöner Götterfunken,
Tochter aus Elysium,
Wir betreten feuertrunken,
Himmliche, dein Heiligtum!
Deine Zauber binden wieder,
Was die Mode frech geteilt;
Alle Menschen werden Brüder,
Wo dein sanfter Flügel weilt.

Wem der große Wurf gelungen,
Eines Freundes Freund zu sein,
Wer ein holdes Weib errungen,
Mische seinen Jubel ein!
Ja, wer auch nur eine Seele
Seine nennt auf dem Erdenrund!
Und wer's nie gekonnt, der stehle
Weinend sich aus diesem Bund!

Ja, wer auch nur eine Seele...

Freude trinken alle Wesen
An den Brüsten der Natur;
Alle Guten, alle Bösen
Folgen ihrer Rosenspur.
Küsse gab sie uns und Reben,
Einen Freund, geprüft im Tod;
Wollust ward dem Wurm gegeben,
Und der Cherub steht vor Gott!

SOLO DE BARÍTONO

Amigos, estes sons, não!
Entoemos antes de forma mais generosa,
E plena de alegria!

BARÍTONO E CORO

Alegria, bela radiação divina,
Filha do Eliseu,
Ébrios de fogo,
Entramos, ó celestial, em teu santuário!
Teus encantamentos reúnem o que,
Descarada, a moda separou;
Todos os homens devêm irmãos onde, suave,
Tua asa permanecer.

(QUARTETO DE SOLISTAS)

Quem logrou o magno lance de amigo,
Ser de um amigo,
Quem gentil mulher ganhou,
Que em nosso júbilo se misture!
Sim, mesmo quem uma só alma chama sua,
Na redondeza da terra!
E quem nunca o pôde, esse,
Que furtivamente saía, chorando, desta coligação!

CORO

Sim, mesmo quem uma só alma chama sua...

(QUARTETO DE SOLISTAS)

Todos os seres bebem alegria
Dos seios da Natureza;
Todos os bons, todos os maus
Seguem uma rósea pista.
Beijos nos deu ela, e videiras,
Um amigo, provado pela morte;
O gosto da vida foi dado ao verme,
E o querubim está perante Deus!

Küsse gab sie uns und Reben...

Froh, wie seine Sonnen fliegen,
Durch des Himmels prächtigen Plan,
Laufet, Brüder, eure Bahn,
Freudig, wie ein Held zum Siegen.

Laufet, Brüder, eure Bahn...

Freude, schöner Götterfunken...

Seid umschlungen, Millionen!
Diesen Kuss der ganzen Welt!
Brüder! Überm Sternenzelt
Muss ein lieber Vater wohnen.
Ihr stürzt nieder, Millionen?
Ahnest du den Schöpfer, Welt?
Such' ihn überm Sternenzelt!
Über Sternen muss er wohnen.

Freude, schöner Götterfunken...

CORO
Beijos nos deu ela, e videiras...

SOLO DE TENOR
Ditosos, como voam os sóis
Seus pelo plano esplêndido do céu,
Correi, irmãos, vosso caminho,
Alegres como heróis na senda da vitória.

CORO MASCULINO
Correi, irmãos, vosso caminho...

CORO
Alegria, bela radiação divina...

CORO E SOLISTAS
Abraçai-vos milhões!
Neste beijo universal!
Irmãos, sobre a celeste esfera
Tem que um querido Pai morar.
Estais prostrados milhões?
Presentes o Criador, ó Mundo?
Procurai-o acima da cúpula celeste!
Por sobre as estrelas tem Ele que reinar.

CORO
Alegria, bela radiação divina...

TRADUÇÃO: JOÃO DE FREITAS BRANCO

Leonardo García Alarcón

Maestro



© FRANK FENILLE

Maestro Associado da Orquestra Gulbenkian, Leonardo García Alarcón é natural de La Plata, na Argentina, país onde estudou piano antes de viajar para a Europa em 1997. Ingressou então no Conservatório de Genebra, na classe da cravista suíça Christiane Jaccottet. Complementou a sua formação teórica no Centro de Música Antiga de Genebra e foi assistente do maestro Gabriel Garrido no Ensemble Elyma. Trabalhou também com John Eliot Gardiner e Philippe Herreweghe, vindo a afirmar-se, em poucos anos, como um artista de topo no domínio da música barroca. Fundou o agrupamento Cappella Mediterranea, especializado na música barroca europeia e sul-americana. A esta responsabilidade cedo juntou a liderança da Millennium Orchestra, agrupamento que fundou para acompanhar o Coro de Câmara de Namur, do qual é diretor artístico. Leonardo García Alarcón divide o seu tempo entre a Suíça (Genebra), a França – nomeadamente como pilar essencial do Festival d'Ambronay e como artista residente da Ópera de Dijon – e a Bélgica. Desloca-se também regularmente à América do Sul. A esta forma

de ecletismo geográfico corresponde o cerne do seu repertório, tendo-se dedicado à recuperação e direção de obras esquecidas de compositores como Sacrati, Draghi, Falvetti ou Cavalli. Muito relevante tem sido o trabalho de Alarcón em torno das obras de Francesco Cavalli: em 2016 dirigiu a ópera *Eliogabalo* na abertura da temporada da Ópera de Paris, além de *Il Giasone*, em Genebra. Em 2017 dirigiu *Erismena* no Festival d'Aix-en-Provence. *La finta pazza*, de Francesco Sacrati e *El Prometeo*, de Antonio Draghi, são outros exemplos de importantes recuperações musicais, ambas apresentadas na Ópera de Dijon. Outros destaques incluem obras do Barroco sul-americano, nomeadamente o projeto *Carmina latina*, apresentado em CD e em diferentes salas de concertos desde 2012. Depois de apresentar a ópera *La guerra de los gigantes* e a zarzuela *El imposible mayor en amo*, de Sebastián Durón, no Teatro de la Zarzuela, em Madrid, em 2016, dedicou-se a *Celos aun del aire matan*, de Juan Hidalgo. Como maestro e cravista é um convidado regular de prestigiados teatros de ópera, festivais e salas de concertos em todo o mundo.



© GROVES ARTISTS

Keri Fuge

Soprano

Keri Fuge estudou com Marilyn Rees na Guildhall School of Music and Drama, em Londres. Com o apoio do Glyndebourne New Generation Programme, aperfeiçoou a sua formação no National Opera Studio (2012-2013). Foi semifinalista no Concurso Kathleen Ferrier (2013) e recebeu também os prémios Michael Oliver (London Handel Competition 2011), Dame Anne Evans' Most Promising Singer (2009) e Hampshire Singer of the Year 2008. No domínio da ópera, as atuações de Keri Fuge incluíram: Cupido (*L'Orfeo* de L. Rossi), na Royal Opera House - Covent Garden; Flavia (*Lucio Silla*) no Festival de Göttingen; Amore (*Orfeo ed Euridice* de Gluck), no Bregenz Landestheater; Atalanta (*Serse*), com a Early Opera Company; Aquilio (*Adriano in Siria* de Pergolesi), em Cracóvia; Despina (*Così fan tutte*) e Dona Isabel (*Indian Queen*), na English National Opera; Barbarina (*As bodas de Figaro*) e Chocholka (*A Raposinha Matreira*), no Festival de Glyndebourne. As suas recentes interpretações em concerto incluem, entre outras obras: *Sonho de uma Noite de Verão* de Mendelssohn, com a City of Birmingham Symphony; *Paixão segundo São Mateus* e *Paixão segundo São de João* de Bach, com a Sinfónica de Bournemouth; *Requiem* de Mozart, no Royal Festival Hall; o *Messias*, em Gdansk e Leeds; *The Armed Man* de K. Jenkins, e *The Spirit of England* de E. Elgar, na Lincoln Cathedral. Em recital, apresentou-se entre outras salas, no Wigmore Hall e no The Forge, em Camden.



© LENA LAHTI

Marianne Beate Kielland

Meio-Soprano

Marianne Beate Kielland estudou na Academia Norueguesa de Música com Svein Bjørkøy. Iniciou a sua carreira internacional na Staatsoper Hannover e, ao longo das últimas décadas, afirmou-se como uma das principais cantoras escandinavas. O seu repertório de concerto é vasto, estendendo-se do século XVII até à música contemporânea. As suas apresentações incluem muitos dos principais palcos da Europa, da América do Norte e do Japão. Colabora regularmente com grandes orquestras e importantes agrupamentos de música antiga, sob a direção de maestros como R. Alessandrini, F. Biondi, H. Christophers, T. Dausgaard, P. Herreweghe, M. Honeck, R. Jacobs, A. Manze, M. Minkowski, V. Petrenko, H. Rilling, C. Rousset, J. Savall, M. Suzuki ou R. Ticciati. É também muito solicitada para interpretar papéis de ópera barroca, entre os quais: Merope, em *L'oracolo in Messenia* de Vivaldi (numa extensa digressão com a orquestra Europa Galante); *Mensageira e Proserpina*, em *L'Orfeo* de Monteverdi; Fernando, em *La fede nei tradimenti* de A. Ariosti; *Apollo*, em *Terpsichore* de Händel; Ercole, em *Il più bel nome* de Caldara; ou Aronn, em *Il Faraone Sommerso* de Francesco Fago. Realizou mais de 40 gravações. Em 2012 foi nomeada para os *Grammy*, na categoria de Melhor Álbum Vocal Clássico, pela gravação de *Veslemøy Synsk*, que inclui obras de Edvard Grieg e Olav Anton Thommessen. Colabora regularmente com o pianista Nils Mortensen.



© DR

Valerio Contaldo

Tenor

Valerio Contaldo nasceu em Itália, mas cresceu no cantão do Valais, na Suíça. Estudou no Conservatório de Sion, na École Normale de Musique de Paris e no Conservatório de Lausanne. Em 2008, foi finalista no Concurso Bach de Leipzig. Cantor muito ativo e eclético, tanto no domínio da ópera como em concerto, apresenta-se regularmente nos principais palcos e festivais de música na Europa e na América do Norte. Realizou várias gravações para emissoras de rádio europeias e norte-americanas e gravou para as editoras Sony Classical-Vivarte, K617, Mirare e Claves. Os seus compromissos na presente temporada incluem, entre outros: Diomède (*La finta pazza* de F. Saccati), na Ópera de Dijon; o papel principal em *L'Orfeo*, de Monteverdi, em Budapeste, Vicenza e Genebra; Lurcanio (*Ariodante*), com Les Musiciens du Louvre e M. Minkowski; o *Messias* de Händel, com a Orchestre d'Auvergne. Atuações recentes incluem: *Mârouf, savetier du Caire* (Fellah) de H. Rabaud, na Ópera de Bordéus e na Opéra Comique (Paris); *Acis and Galatea* (Acis e Damon) de Händel, em Salzburgo; *Il Trionfo della Divina Giustizia*, de N. Porpora, na Ópera de Versalhes. Com o agrupamento Concerto Italiano realizou uma digressão na China, sob a direção de R. Alessandrini. Outros destaques incluem ainda a *Paixão segundo São Mateus*, de Bach, na Holanda, com S. MacLeod, e a *Paixão segundo São João*, também de Bach, com Les Musiciens du Louvre.



© DR

Taras Berezhansky

Baixo

Taras Berezhansky estudou na Universidade Pedagógica Nacional da Ucrânia e na Academia de Música Tchaikovsky, em Kiev. Foi premiado no 4.º Festival Internacional Shalyapin (2004) e no festival internacional "21st Century Art" (Ucrânia, Kiev – Vorzel, 2011). Para além da 9.ª Sinfonia de Beethoven, com o Coro e a Orquestra Gulbenkian, os destaques da presente temporada incluem estreias na Ópera da Irlanda do Norte como Sparafucile (*Rigoletto*), e na Ópera Nacional do Chile, no papel de Padre Guardiano (*La forza del destino*). Regressou à Ópera Austrália para interpretar Colline, em *La bohème*, e à Ópera Nacional da Ucrânia, em Kiev, para cantar o *Requiem* de Mozart e interpretar Dulcamara, em *L'esir d'amore*, e Gremin, em *Eugene Onegin*. Em 2017-18 Taras Berezhansky estreou-se na Ópera Austrália (*Sparafucile*), na Deutsche Oper Berlin (Zacharie, em *Le prophète* de Meyerbeer) e no Grande Teatro de Genebra (Ercole, em *Il Giasone* de Cavalli). Como solista da Ópera Nacional da Ucrânia, interpretou Simone (*Gianni Schicchi*), Alidoro (*La Cenerentola*), Don Alfonso (*Così fan tutte*), Leporello (*Don Giovanni*), Rei René (*Iolanta*), Gremin (*Eugene Onegin*), Sobakin (*A Noiva do Czar* de Rimsky-Korsakov) e Sparafucile. Outras atuações recentes incluem o Operosa Opera Festival, em Montenegro, o Auditório Filarmónico de Odessa, na Ucrânia, o Teatro Nacional de Klaipeda e o Teatro de Vilnius, na Lituânia.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores, podendo atuar também em grupos vocais mais reduzidos. Assim, apresenta-se tanto como grupo a *cappella*, interpretando a polifonia dos séculos XVI e XVII, como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras do repertório clássico, romântico ou contemporâneo. Na música do século XX tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras contemporâneas de compositores portugueses e estrangeiros. Tem sido igualmente convidado pelas mais prestigiadas orquestras mundiais, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon, a Orquestra de Paris, ou a Orquestra Juvenil Gustav Mahler. Foi dirigido por grandes figuras como Claudio Abbado, Colin Davis, Frans Brüggen, Franz Welser-Möst, Gerd Albrecht,

Gustavo Dudamel, Jonathan Nott, Michael Gielen, Michael Tilson Thomas, Rafael Frübeck de Burgos, René Jacobs, Theodor Guschlbauer, ou Esa-Pekka Salonen, entre muitos outros. O Coro Gulbenkian tem participado em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. Em 2015 participou, em Paris, no concerto comemorativo do Centenário do Genocídio Arménio, com a World Armenian Orchestra dirigida por Alain Altinoglu. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Desde 1969, Michel Corboz é o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. A função de Maestro Adjunto é desempenhada pelo maestro Jorge Matta.

© G.M. MÁRCIA LESSA



Michel Corboz Maestro Titular
Jorge Matta Maestro Adjunto

SOPRANOS

Ana Bela Covão
Ana Raquel Sousa
Ariana Russo
Beatriz Ventura
Carla Frias
Cecília Rodrigues
Claire Santos
Cristina Ferreira
Inês Lopes
Joana Siqueira
Maria José Conceição
Mariana Moldão
Marisa Figueira
Mónica Santos
Natasa Sibalic
Rosa Caldeira
Rosário Azevedo
Sara Afonso
Susana Duarte
Tânia Viegas
Teresa Duarte
Verónica Silva

CONTRALTOS

Ana Urbano
Elsa Gomes
Fátima Nunes
Inês Martins
Inês Mazoni
Joana Esteves
Joana Nascimento
Mafalda Borges Coelho
Marta Queirós
Marta Ribeiro
Michelle Rollin
Patrícia Mendes
Rita Tavares
Tânia Valente

TENORES

Diogo Pombo
Frederico Projecto
Hugo Martins
Jaime Bacharel
João Branco
João Custódio
Jorge Leiria
Manuel Gamito
Miguel Silva
Nuno Fonseca
Pedro Miguel
Pedro Rodrigues
Rodrigo Carreto
Rui Aleixo
Rui Miranda

BAIXOS

Afonso Moreira
Fernando Gomes
Hugo Wever
João Costa
João Luís Ferreira
José Bruto da Costa
Mário Almeida
Nuno Gonçalo Fonseca
Nuno Rodrigues
Pedro Casanova
Rui Gonçalo
Tiago Batista
Tiago Navarro

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Fátima Pinho, Marta Andrade,
Joaquina Santos, Fábio Cachão

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de cinquenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de sessenta instrumentistas que pode ser pontualmente expandido de acordo com as exigências de cada programa de concerto. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório que se estende do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas tradicionais, nomeadamente a produção orquestral de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Mendelssohn ou Schumann, podem ser dadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório Gulbenkian, em Lisboa, em cujo âmbito tem tido ocasião de colaborar com alguns dos maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos em diversas localidades do país, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, por sua vez, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo até agora efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. Lorenzo Viotti é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Giancarlo Guerrero é Maestro Convidado Principal, Leonardo García Alarcón é Maestro Associado e Nuno Coelho é Maestro Convidado.

© G.M. MÁRCIA LIESSA



Lorenzo Viotti Maestro Titular
Giancarlo Guerrero Maestro Convidado Principal
Leonardo García Alarcón Maestro Associado
Nuno Coelho Maestro Convidado

PRIMEIROS VIOLINOS
Francisco Lima Santos
Concertino Principal
Bin Chao *2º Concertino Auxiliar*
António José Miranda
Pedro Pacheco
Alla Javoronkova
David Wahnnon
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria Balbi
Otto Pereira
Tamila Kharambura *
Tomás Costa *
Ana Paliwoda *

SEGUNDOS VIOLINOS
Alexandra Mendes *1º Solista*
Jordi Rodriguez *1º Solista*
Cecília Branco *2º Solista*
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Maria José Laginha
Félix Duarte *
Miguel Simões *
David Ascensão *
Flávia Marques *

VIOLAS
Samuel Barsegian *1º Solista*
Lu Zheng *1º Solista*
Isabel Pimentel *2º Solista*
Patrick Eisinger
Leonor Braga Santos
Christopher Hooley
Maia Kouznetsova
Nuno Soares *
Chiara Antico *

VIOLONCELOS
Varoujan Bartikian *1º Solista*
Marco Pereira *1º Solista*
Martin Henneken *2º Solista*
Levon Mouradian
Jeremy Lake
Raquel Reis

Fernando Costa *
Pedro Serra e Silva *

CONTRABAIXOS
Pedro Vares de Azevedo *1º Solista*
Domingos Ribeiro *1º Solista*
Manuel Rego *2º Solista*
Marine Triolet
Maja Plüddemann

FLAUTAS
Cristina Ánchel *1º Solista Auxiliar*
Amália Tortajada *1º Solista Auxiliar*
Juanjo Hernández *2º Solista **

OBOÉS
Pedro Ribeiro *1º Solista*
Nelson Alves *1º Solista Auxiliar*
Alice Caplow-Sparks *2º Solista*
Corne inglês
Leandro Alves *2º Solista **

CLARINETES
Esther Georgie *1º Solista*
Iva Barbosa *1º Solista Auxiliar*
José María Mosqueda *2º Solista*
Clarinete baixo
Rui Martins *2º Solista **

FAGOTES
Ricardo Ramos *1º Solista*
Vera Dias *1º Solista Auxiliar*
Raquel Saraiva *2º Solista*
Ana Maria Castro *2º Solista **

TROMPAS
Gabriele Amarù *1º Solista*
Kenneth Best *1º Solista*
Eric Murphy *2º Solista*
Darcy Edmundson-Andrade
2º Solista

TROMPETES
Adrian Martinez *1º Solista*
Jorge Pereira *1º Solista Auxiliar **
David Burt *2º Solista*

TROMBONES
Sérgio Miñana *1º Solista*
Rui Fernandes *2º Solista*
Pedro Canhoto *2º Solista*

TROMBONE BAIXO
Tiago Noites *2º Solista **

TUBA
Amílcar Gameiro *1º Solista*

TIMBALES
Rui Sul Gomes *1º Solista*

PERCUSSÃO
Abel Cardoso *2º Solista*
João Ramalho *2º Solista **
Francisco Navarro *2º Solista **
José Vitorino *2º Solista **

ÓRGÃO
Adria Galvéz *1º Solista **

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO
António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO
Américo Martins, Marta Andrade,
Raquel Serra, Guilherme Baptista
Fábio Cachão

O MELHOR BANCO EM PORTUGAL.

O BPI foi eleito “O Melhor Banco em Portugal” pelo Euromoney Awards for Excellence Country 2018.

A revista Euromoney atribuiu ao BPI o prémio Melhor Banco em Portugal em 2018, no âmbito da iniciativa “Euromoney Awards”. Esta classificação resulta da combinação de critérios quantitativos e qualitativos como a rentabilidade, crescimento, eficiência, qualidade, capacidade de inovação e compromisso social.

O vencedor deste prémio é selecionado pela equipa de editores, jornalistas e analistas da revista Euromoney, uma das mais conceituadas referências editoriais do setor financeiro a nível internacional.

O BPI exprime o seu orgulho por esta distinção e dedica-a especialmente a todos os seus Clientes.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Grupo CaixaBank

25 mai — 27 jun

Assinaturas 19 / 20

 GULBENKIAN
MÚSICA

GULBENKIAN.PT

MECENAS MÚSICA SUTIZEA
MECENAS ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA
MECENAS CONCERTOS DE DOMINGO
MECENAS CICLO PIANO
MECENAS PRINCIPAL GULBENKIAN MÚSICA

NAVIGATOR
VIEIRA DE ALMEIDA
SANTA CASA
pwc
BPI

THE 8

PRECISO COMO UM MAESTRO.
POTENTE COMO UMA ORQUESTRA.



BAYERISCHE MOTOREN WERKE

Consumo de combustível combinado de 5,9 a 6,2 l/100 km.
Emissões de CO₂ combinadas de 154 a 164 g/km.

Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

DIREÇÃO CRIATIVA
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE
The Designers Republic

TIRAGEM
800 exemplares

PREÇO
2€

Lisboa, Maio 2019

